

MANUAL DE BOAS PRÁTICAS
Reduzir alimentos
antropogénicos
para gaivotas

As espécies de gaivotas em Portugal mais atraídas por alimentos antropogénicos

Gaivota-de-patas-amarelas

Larus michahellis



120-140 cm



52-58 cm



Os adultos têm o dorso cinzento claro (prateado) e patas amarelas. Os juvenis são pardos e difíceis de distinguir dos juvenis de outras espécies de gaivotas.

A gaivota-de-patas-amarelas possui uma dieta variada e oportunista, adaptando-se às condições do ambiente e à disponibilidade de alimento. A sua alimentação inclui peixes e invertebrados

marinhos, muitas vezes obtidos a partir de rejeições de pesca e resíduos deixados por embarcações. Além disso, esta espécie pode predar outras aves, pequenos mamíferos e répteis, e demonstrar comportamento necrófago. Em áreas urbanas e portuárias, consome lixo e restos de comida descartados por humanos, o que favorece a presença em aterros sanitários e centros urbanos.



Gaivota-d'asa-escura

Larus fuscus



Os adultos têm o dorso cinzento escuro ou preto e as patas amarelas.

A sua dieta é semelhante à das gaivotas-de-patas-amarelas sendo também oportunista. Em áreas urbanas e portuárias, pode alimentar-se de lixo e resíduos descartados por humanos, e é frequentemente encontrada em aterros sanitários quando inverte em Portugal.

Gaivota-de-audouin

Larus audouinii



Os adultos têm o dorso cinza-claro, o bico vermelho escuro com uma risca preta na ponta, e as patas são verde-escuras ou cinzento-esverdeado. Os juvenis apresentam plumagem parda à semelhança de outras gaivotas, distinguindo-se pela mancha branca em forma de U no uropígio.

Apesar da grande parte da sua dieta consistir em peixe, a espécie apresenta uma grande dependência de rejeições de pesca comercial, principalmente de arrasto e cerco. Quando as presas preferenciais não são abundantes, podem expandir o seu nicho alimentar e adotar um comportamento mais oportunista, procurando presas nos sistemas terrestres e ao longo das zonas costeiras, podendo ser observadas em portos de pesca e aterros.

Guincho

Larus ridibundus



Nos adultos, as asas apresentam um tom cinzento, destacando-se uma barra alar branca. O bico e as patas são vermelhos. Durante a época de reprodução tem a cabeça preta, mudando de plumagem no inverno apresentando a cabeça branca, com uma pequena mancha preta por trás do olho.

Alimenta-se principalmente de insetos aquáticos, crustáceos, moluscos e pequenos peixes. Também pode procurar alimento em campos agrícolas, onde se alimenta de invertebrados terrestres. Embora menos dependente de restos humanos do que as gaivotas-de-patas-amarelas e a gaivota-d'asa-escura, também pode explorar aterros sanitários e áreas urbanas, consumindo resíduos orgânicos e restos de alimentos.

Reduzir alimentos antropogénicos para gaivotas. Porquê?

Nas últimas décadas, um pouco por todo o mundo, as populações de grandes gaivotas expandiram-se para áreas urbanas, maioritariamente costeiras, impulsionado pelo aumento da disponibilidade de alimento associado a atividade humana. Essa abundância de recursos, incluindo rejeições da pesca, resíduos urbanos e aterros sanitários, permitiu que muitas populações de gaivotas aumentassem significativamente em número e ampliassem a sua distribuição.

No entanto, esta expansão pode ter consequências significativas, incluindo impactos ecológicos, como o aumento da predação e competição com outras espécies. Além disso podem gerar conflitos com humanos, manifestando-se através de interações agressivas durante a reprodução, e de danos estruturais

em edifícios e infraestruturas. Por fim, representa um risco para a saúde pública, uma vez que as gaivotas podem atuar como vetores de doenças, transportando agentes patogénicos entre aterros, zonas portuárias e áreas urbanas.

Portugal não é exceção a essa tendência global. Um dos exemplos mais marcante é a população de gaivota-de-patas-amarelas que nidifica na ilha da Berlenga. Esta população teve um crescimento exponencial entre as décadas de 1980 e 1990, quando atingiu os 45.000 indivíduos reprodutores. Esse crescimento foi diretamente associado ao aumento da disponibilidade de alimento antropogénico nas proximidades, nomeadamente descarte de pescado por embarcações pesqueiras e a procura de alimento em aterros e lixeiras.

Além do aumento populacional, verificou-se também uma expansão geográfica significativa da espécie. Até ao final da década de 1990, a sua distribuição estava restrita à zona costeira entre Peniche e Lagos, em oposição à distribuição atual ocupando praticamente toda a costa continental, estabelecendo colónias em novos locais, incluindo portos, telhados de edifícios e estruturas artificiais.

SAIBER MAIS

[Relatório de 5 anos de monitorização do arquipélago das Berlengas](#)

[Artigo sobre mudanças na abundância e distribuição de gaivotas-de-patas-amarelas em Portugal nos últimos 20 anos](#)



As principais fontes de alimento antropogénico

As principais fontes de alimento desta natureza incluem os aterros sanitários, a atividade da pesca (através das rejeições e outros desperdícios da pesca), infraestruturas urbanas (ex.: esplanadas, restaurantes, mercados e outros espaços públicos) e a atividade agrícola (ex.: adubos e fertilizantes orgânicos e desperdícios da atividade).

A gestão inadequada dos resíduos oriundos destas atividades agrava seriamente o problema. Para ultrapassar tais limitações, é necessário implementar medidas de gestão eficazes, como por exemplo, o reforço na gestão dos resíduos urbanos e industriais, a redução dos desperdícios da pesca e a sensibilização dos cidadãos (residentes e turistas).



Boas Práticas para Aterros Sanitários

Os aterros sanitários são fontes previsíveis e abundantes de alimento para gaivotas, contribuindo para o aumento das populações e a sua concentração em áreas urbanas. Para reduzir essa dependência e os problemas associados, é essencial implementar medidas eficazes de gestão e dissuasão. No entanto, para que essas medidas sejam eficazes, é fundamental compreender os padrões de atividade das gaivotas, identificando as horas de maior utilização e a sazonalidade do uso dos aterros. Esta informação permite ajustar as estratégias de mitigação, garantindo a aplicação de ações direcionadas, no espaço e no tempo, maximizando a eficácia das medidas.

Técnicas de Dispersão de Aves

- **FALCOARIA** – Uso de aves de rapina treinadas para afastar gaivotas de forma eficaz.
- **PIROTECNIA** – Dispositivos sonoros e visuais, como fogos de artifício e tiros, para dispersão.
- **CHAMADAS DE ALARME** – Reprodução de sons naturais de alerta de gaivotas para induzir fuga.

Redução da Disponibilidade de Resíduos Orgânicos

- **PLANEAMENTO DO ATERRO** – Preparar o aterro de forma a ter várias células de menores dimensões, podendo ser cobertas ou encerradas mais rapidamente, limitando a disponibilidade de resíduos expostos.
- **LIMITAR A ÁREA ATIVA** – Reduzir ao máximo a superfície exposta e cobrir resíduos regularmente.
- **RECOLHA SELETIVA** – Separar resíduos recicláveis ou biodegradáveis na origem e encaminhá-los para devidas estruturas de reciclagem, compostagem ou valorização energética.
- **EDUCAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO** – Campanhas para incentivar os cidadãos a separar resíduos de forma a minimizar os materiais depositados em aterro, e promovendo a visita ao aterro pelos cidadãos.

SAIBER MAIS

[Relatório sobre medidas de limitação alimentar para gaivotas em postos de pesca e aterros](#)



Boas Práticas para Pescadores e o Setor Marítimo

As gaivotas-de-patas-amarelas alimentam-se regularmente dos descartes da pesca comercial, seguindo embarcações e concentrando-se nos portos onde encontram restos de pescado e outros resíduos. Uma gestão eficaz dos resíduos nos portos e a bordo das embarcações é essencial para reduzir esta quantidade de alimento disponível.

Infraestruturas e Gestão de Resíduos nos Portos

- Recolha diária dos resíduos.
- Contentores para resíduos orgânicos e indiferenciados devidamente fechados.
- Áreas designadas para descarte, afastadas de zonas movimentadas.
- Normas claras e fiscalização para garantir a correta separação dos resíduos.
- Proibição de alimentação intencional de gaivotas nos portos.
- Sinalização e campanhas de sensibilização para pescadores e trabalhadores.

- Colaboração com associações de pescadores e empresas para melhorar a gestão dos resíduos.

Boas Práticas a Bordo das Embarcações

- Armazenar os desperdícios de pescado em recipientes devidamente fechados.
- Fazer o descarte para o mar em momentos rápidos e pontuais, por oposição a períodos de descarte contínuos e de grande duração, evitando a atração das gaivotas.
- Idealmente, fazer o descarte durante o período de navegação de retorno ao porto de pesca, para evitar a atração e captura accidental de aves.

- Minimizar descartes no mar perto de colónias de reprodução de gaivotas ou portos de pesca.

- Separação de resíduos para evitar contaminação e facilitar descarte adequado.

- Evitar alimentar intencionalmente as aves para não atrair as aves para a embarcação.

- Limpeza das embarcações e equipamentos no regresso ao porto, longe das áreas de pesca.

- Educação da tripulação para aplicação de práticas sustentáveis e gestão eficaz de resíduos.

SAIBER MAIS

[Manual de boas práticas: Redes de emalhar e tresmalho](#)



Gestão urbana e políticas públicas

- Utilizar contentores para recolha de resíduos urbanos com sistemas de fecho eficiente.
- Garantir a recolha dos resíduos orgânicos ou indiferenciados numa base diária.
- Criar normativas para restaurantes e estabelecimentos costeiros.
- Reforçar campanhas de sensibilização para o público, responsáveis e trabalhadores de portos de pesca e aterros.



Boas Práticas para Cidadãos

- **NÃO** alimentar gaivotas.
 - Os nossos alimentos não são naturalmente consumidos pelas espécies e podem trazer problemas de saúde para os próprios animais a longo prazo.
 - Como animais selvagens, estão habituados a encontrar o seu próprio alimento.
 - Mesmo que pareça inofensivo, isso incentiva comportamentos nefastos.
 - Se a gaivota parecer debilitada, contacte as autoridades através da linha SOS Ambiente e Território – 808 200 520.
- Descartar o lixo corretamente, utilizando contentores fechados e evitando deixar restos expostos.
- Informar e sensibilizar outras pessoas para esta temática.





Medidas para Restaurantes e Estabelecimentos Comerciais

- Manter os espaços exteriores devidamente limpos e livres de alimentos ou restos acessíveis para as gaivotas.
- Usar contentores de lixo resistentes e sempre bem fechados.
- Evitar deixar sacos de lixo expostos na via pública.
- Requisitar ao município ou autoridade responsável pela gestão dos resíduos urbanos a disponibilidade de um maior número de contentores, caso os existentes não sejam suficientes.
- Sensibilizar os clientes para não alimentarem as gaivotas, incluindo a colocação de sinalética.
- Sensibilizar clientes e funcionários sobre a importância de uma boa gestão de resíduos.

FICHA TÉCNICA

CONTEÚDOS

Tânia Nascimento, Nuno Oliveira, Mónica Costa e Inês Lacerda

ILUSTRAÇÕES

Juan Varela

PAGINAÇÃO

Frederico Arruda

EDIÇÃO

Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves

APOIO

Contribuição financeira do programa LIFE da União Europeia
LIFE Ilhas Barreira - LIFE18/NAT/PT/000927



A SPEA é uma associação ambiental e científica sem fins lucrativos, que tem como missão trabalhar para o estudo e a conservação das aves e seus habitats, promovendo um desenvolvimento que garanta a viabilidade do património natural para usufruto das gerações futuras.



A SPEA faz parte da organização BirdLife Internacional, desenvolvendo projetos de conservação e promovendo a prática da observação de aves em Portugal.

Para a SPEA continuar a desenvolver o seu trabalho, precisa do apoio dos seus sócios. Faça-se sócio em www.spea.pt e ajude-nos na nossa missão.





LIFE
ilhas
barreira

CONSERVAÇÃO DAS ILHAS BARREIRA NO ALGARVE PARA PROTEGER ESPÉCIES E HABITATS PRIORITÁRIOS 2019 | 2025

No projeto LIFE Ilhas Barreira queremos contribuir para salvaguardar espécies e habitats mais vulneráveis. Os seus principais objetivos incluem a avaliação da resiliência destas ilhas às alterações climáticas, o estudo das populações de gaivota-de-audouin e de chilreta, e ainda o estudo do impacto da pesca na ameaçada pardela-balear.

O projeto LIFE Ilhas Barreira (LIFE18/NAT/PT/000927) é cofinanciado pelo Programa LIFE da Comissão Europeia. O conteúdo desta publicação é da inteira responsabilidade dos autores e não reflete necessariamente a opinião da União Europeia.

www.lifeilhasbarreira.pt

COFINANCIAMENTO



FUNDO
-AMBIENTAL
Ministério do Ambiente

COORDENAÇÃO



PARCEIROS

